



EPÍLOGO

Despedida ao som do trovão

O Sol já caía no horizonte, tímido atrás das árvores, quando Tarumã e Suru se despediram. Não é como se quisessem se despedir, mas sim porque havia muito para se fazer e não dava para ficarem ali parados para sempre.

— Tarumã, muito obrigado pelos ensinamentos. Agora voltarei para minha aldeia e vou contar tudo que aprendi. Estou ansioso para ajudar a lutar pela sua proteção. Sei como podemos intensificar a nossa luta. Posso voltar outras vezes para conversarmos mais?

— De certo que sim.

— Então até mais! Pode apostar que vou voltar!

— Até!

Enquanto a criança se afastava, Tarumã podia ouvi-la cantando “Suroto nhauma suroto nhauma aká nopetama. Suroto nhauma suroto nhauma aká nopetama. Simanusuma, simanusuma iutavatasauka iutavatasauka. Simanusuma, simanusuma iutavatasauka iutavatasauka”¹.

1. Tradução da Maria Siria “Eu vi um menino na barriga do cágado

Suru ansiava voltar para a aldeia e contar a seus pais sobre a conversa que teve com a bela moça Tarumã. Correu pela mata impetuosamente, como um trovão que rasga as nuvens em uma tempestade. Cortava o vento corajosamente energizado pela história de seus ancestrais, pois agora entendia seu papel na luta Chiquitana. Seus passos ressoavam o som dos tambores anunciando que era chegada a hora de mais um guerreiro unir-se à luta Chiquitana. Ele não se sentia forte. Ele era a força.



chorando e era um índio.x2), que falou que “A história da música é de um caçador que encontrou um cágado e antes ele ouviu esse canto e saiu dançando.”